

## Índice

Para que servem os homens? ..... 1

### Para que servem os homens?

#### “Masculino”

“Maschi”

Autora: Mariolina Ceriotti Migliarese  
 Rialp. Madrid. 2019  
 128 páginas.

Depois de publicar [“Erótica y materna. Un viaje al universo femenino”](#) (Rialp, Madrid, 2018, 140 págs.; texto sobre este livro saiu em “Aceprensa”, n.º 75/18, de 10.10.2018 e também no “Correio da AESE”, Panorama n.º 740, de 17.4.2019) Mariolina Ceriotti Migliarese, neuro-psiquiatra infantil e psicoterapeuta, aborda a crise de masculinidade no seu livro [“Masculino. Fuerza, eros, ternura”](#). Nele defende que os homens de hoje estão expostos a um narcisismo que enfraquece o seu poder criativo. Casada e mãe de seis filhos, cinco deles do sexo masculino, Migliarese pede aos homens e às mulheres um olhar mútuo de respeito. Apresentamos um extrato (este texto de Mariolina Ceriotti Migliarese foi publicado com algumas passagens significativas em “Aceprensa”, n.º 17/19, de 6.3.2019, reproduzido por cortesia da Ediciones Rialp).

No mundo atual, as mulheres assumiram claramente um objetivo de afirmação, mas é já inegável que, muitas vezes e infelizmente, essa afirmação da feminidade se concretiza em detrimento da masculinidade. Isto leva a uma inimizade e a

uma contraposição crescentes entre os sexos. Enquanto as mulheres se tornaram progressivamente mais seguras, nos homens sucedeu justamente o contrário. (...)

Graças à luta contra a *prepotência* do homem, as mulheres criaram redes entre elas, refletiram sobre si próprias, cresceram, afirmaram-se. Mas o modo talvez inevitavelmente unilateral de considerar a relação entre sexos, desembocou num equívoco muito perigoso, que mostra agora as suas consequências com uma gravidade crescente: para contrariar a prepotência, a mulher está a contribuir, sem o saber, para tornar o homem *impotente*. Não chega a entender que tanto a impotência como a prepotência são degenerações do verdadeiro dom da masculinidade, que consiste no bom, fecundo e fecundante poder, de que o mundo e também a mulher continuam a ter uma necessidade extrema. (...)

#### Uma força vital

Hoje em dia, a palavra *agressividade* está muito castigada, porque tem uma conotação somente negativa. Mas o que abarca o conceito de agressividade?

A sua raiz etimológica sublinha um valor potencialmente positivo: *adgredior* significa “sigo em frente, avanço”. Por isso, assinala uma força que inclui dinamismo, expansão, auto-afirmação. (...)

Nesta mesma fonte de energia tem a sua origem o espírito competitivo do homem, assim como o prazer de se superar, de empregar o próprio corpo em empresas difíceis: o gosto pelo desporto, pelo movimento, pela competição, pela luta. (...)

Necessita de se medir com os outros homens, também fisicamente, para estabelecer hierarquias, e deve pôr-se à prova: medir-se é um imperativo masculino importante, que serve para se situar no mundo e encontrar a sua própria posição; o universo masculino é muito mais hierárquico do que o feminino, que tende, em vez disso, à construção de redes mais paritárias.

É importante que o ambiente educativo, familiar e escolar compreenda este modo masculino de atuar, para poder apoiar adequadamente o processo de desenvolvimento. Quase sempre as mães e os papás se situam instintivamente de modo diferente em relação ao filho: as mães tendem a sintonizar-se principalmente com as frequências emocionais do filho; desejam que se sinta seguro, que se sinta amado, que se sinta especial. (...)

Os papás, em vez disso, quando se sentem livres para seguir o seu instinto masculino, tendem mais a encorajar os filhos a lançarem-se, a pôr-se à prova e a atreverem-se, por vezes esperando muito deles. Têm também certa dificuldade para modular as suas expectativas. Por este motivo, embora consigam construir facilmente uma boa aliança com os filhos mais capazes, já ficam muitas vezes incomodados com o filho que consideram mais delicado ou vulnerável, que é precisamente o que mais precisaria deles. (...)

### Acompanhar o filho

Os pais devem travar o desejo inevitável de encontrarem nos filhos uma satisfação narcisista: têm de estimulá-los, acompanhá-los, ajudá-los a graduar os desafios, conscientes de que a verdadeira segurança em si próprios, nasce de fazer a própria experiência, sob o olhar confiante e estimulante de alguém que, como um treinador desportivo, acredita nas suas possibilidades e estimula para que elas sejam expressas ao máximo.

Em relação às mães, têm a tarefa de aprender a travar a preocupação por aquilo que poderia acontecer ao filho quando estiver fora do controlo delas (ficar doente, magoar-se, etc.) e não ter demasiado medo da sua fragilidade. Também cabe às mães a tarefa de reclamarem vigorosamente aos pais que se ocupem de modo mais pessoal e direto dos filhos, “de forma masculina”, conscientes de que o acesso do filho ao mundo dos homens passa por outros homens. (...)

O rapaz torna-se adulto quando aprendeu a transformar o impulso agressivo/de desejo em capacidade afirmativa, e naquela força criativa que é capaz de ativar e fecundar a realidade: o seu poder. (...)

### Fragilidade narcisista

Um amigo que, desde há algum tempo, se dedica a ajudar no estudo jovens universitários, perguntava-me sobre os rapazes de hoje. Sublinhava neles dificuldades que me impressionaram porque, por trás da aparente heterogeneidade, parecem esconder uma fragilidade geral, uma carência daquele poder bom a que fazia referência.

De que dificuldades se trata? Tento enumerá-las por uma ordem dispersa.

— Uma espécie de “bloqueio de decisão”, para começar: os rapazes parecem desorientados, até nas pequenas coisas, devido ao excesso de possibilidades que têm pela frente. Não querem fechar-se a nenhuma possibilidade para o seu futuro, esperam sempre uma “melhor” e, por isso, não decidem.

- Uma especial incapacidade para gerir os fracassos: a ânsia de recompensa é muito alta, por vezes paralizadora.

- Prestam uma atenção muito acentuada ao seu aspeto: já é frequente encontrar rapazes sem problemas objetivos de peso que se põem a fazer dieta, que se preocupam com as calorias. Também aumentou o interesse pela moda e é possível encontrar rapazes que saem juntos “a ver montras”.

- Conjugação afetos e trabalho parece ter-se convertido numa tarefa demasiado complexa: quando estudam, dedicam-se de forma excessiva; quando namoram, não conseguem “desprender-se” para se empenharem no estudo, porque a situação afetiva absorve-os por completo.

- Parece haver neles uma carência em capacidade de escuta e empatia.

- A sexualidade adquiriu um desvio pornográfico preocupante, e a atitude em relação às raparigas é com frequência predatória.

- Falta muitas vezes a capacidade de estarem em intimidade consigo próprios: estão sempre “fora”, projetados no exterior. Estarem sozinhos assusta-os e aborrece-os.

Penso que o elemento comum às dificuldades que se apresentam em âmbitos na aparência tão heterogéneos pode-se compreender melhor se houver uma unificação sob uma categoria única: a de fragilidade narcisista. (...)

Investir energias no eu, ter amor por si mesmo, são atitudes positivas e necessárias para um processo de crescimento são. Consequentemente, é necessário distinguir o que poderíamos designar por “narcisismo são” de todas as formas de hipervalorização disfuncional do eu (...).

## Força e fraqueza do eu

A nossa é uma época de personalidades narcisistas, e a personalidade narcisista tem um centro de gravidade frágil, porque não retira a sua força do mundo interior, mas do reconhecimento que recebe do exterior. Necessita continuamente de se ver alimentada pelo outro e o seu olhar não consegue ver para lá dos limites do eu. A personalidade narcisista é estéril, porque não lhe interessam os aspetos realmente geradores da vida.

A boa notícia é que se pode mudar. Trata-se de uma mudança que é necessário fazer de modo pessoal, sem esperar mudanças culturais tão prodigiosas como improváveis: cada pessoa do sexo masculino, de qualquer idade e condição, que se reconheça no todo ou em parte nas fragilidades que descrevi, pode questionar-se a si mesma e decidir mudar. (...)

A assunção de responsabilidades sobre si mesmo é a primeira e indispensável mudança, e orienta já na nova direção. Pressupõe uma renúncia a pensar que tudo seria diferente se os outros fossem diversos. Significa deixar de pensar no que nos falta, no que não recebemos, em como têm sido as coisas até agora. Significa decidir que cada dia é novo e está nas nossas mãos. (...) Significa, antes de tudo, aceitar que, enquanto seres humanos, somos limitados, mas o conhecimento dos nossos limites pode dar-nos indicações de rota muito úteis a respeito do conhecimento dos nossos recursos. (...)

## Um poder generoso

No plano simbólico, o tema do poder é central para o imaginário masculino. É um poder em sentido amplo, que não é um fim em si mesmo, mas funcional para gerar algo vital, capaz de enriquecer a realidade com o dom da sua contribuição criativa. (...) É precisamente sobre esta possibilidade de "enriquecer com o seu eu o mundo" onde se joga, na minha opinião, o verdadeiro bem-estar psíquico do homem, que obtém alegria e plena satisfação de semear no mundo algo próprio, e da recolha de frutos abundantes. (...)

A dimensão social é decisiva para a masculinidade: os anos da infância e da adolescência desenvolvem no homem energias vitais crescentes que se têm de gastar, investir, multiplicar. O homem sente que se está a preparar para alguma coisa, vai em busca de uma missão, solicita uma meta. Precisa que toda a energia vital que sente crescer nele possa encontrar um modo significativo de se expressar: um modo que dê fruto, um modo gerador. (...)

A diferença entre um comportamento heroico e um comportamento temerário não reside na própria ação, mas no facto da ação temerária, diversamente da heroica, estar centrada em si mesmo: o temerário atrai sobre si o olhar, desafia a morte para se sentir mais forte, gosta imenso de ser admirado pelas suas ações. A temeridade é o valor das personalidades narcisistas e não tem nada de heroico.

O herói, em vez disso, está disposto a aceitar os trabalhos e os riscos de uma ação se forem o preço de algo que considera justo, valioso, que merece ser defendido ou buscado. O enfoque não está colocado em si próprio, mas na tarefa e no seu significado: e isto sucede no heroísmo do jovem que vai à guerra, ou no de quem se lança ao rio para salvar outra pessoa; mas também no heroísmo de quem luta todos os dias para trabalhar de modo honesto, ou defender e levar para a frente as ideias próprias. (...)

[A dimensão social] pressupõe compromissos concretos como, por exemplo, redescobrir a paixão por atividades sociais, políticas, culturais, que desenvolvem pensamentos e projetos para o futuro e para as gerações vindouras. Mas também significa recuperar a consciência de que a missão específica de cada um (advogado, médico, arquiteto, operário, pedreiro ou comerciante) não se esgota em obter o dinheiro para viver ou garantir uma vida rica e confortável. Muito menos se limita a ser ocasião para "expressar o próprio potencial", ou para "se realizar": tudo o que lhe faz voltar-se sobre si mesmo, sem mais, no final acaba por ser pouco satisfatório, porque não consegue ser gerador.

Os dotes que temos, a formação necessária para os desenvolver, o compromisso que colocamos na nossa atividade são, em vez disso, ocasiões para gerar coisas boas para o mundo, coisas que, nesse modo específico, só nós podemos gerar. É o nosso contributo específico, o elo necessário, a novidade ligada ao nosso nascimento: algo que sem nós não estaria e que conosco está (...). Mas é necessário redescobrir a ideia de que somente fica realmente isso que fizemos pelos outros. (...)

## Guardiões, não proprietários

Quem é o homem "poderoso" no bom sentido? Como pode ganhar corpo na vida real o potencial masculino? E ainda: o homem poderoso poderá identificar-se simplesmente com o homem seguro de si mesmo? (...)

O belo livro de Anselm Grün "Lutar e Amar", dirigido especificamente a leitores masculinos, apresenta numerosas figuras arquetípicas masculinas tiradas dos textos bíblicos. (...) Segundo Grün, o homem que fez seu o arquetipo do rei é capaz de "dar ao grupo sentido de segurança e proteção". É um homem que se reconhece responsável pela proteção das pessoas e das coisas que a vida lhe confiou: guardião e não

proprietário, porque admite que nada nos pertence totalmente, mas sim que tudo nos foi confiado pela vida e, como diz o "Gênesis", tem de se "guardá-lo".

Ser guardião de algo ou de alguém significa, em primeiro lugar, reconhecer que esse algo tem valor e merece ser guardado, igualmente à custa do sacrifício pessoal. Para o homem tem valor o seu casamento, tem valor a sua mulher, têm valor os seus filhos, tem valor o seu trabalho, tem valor um projeto, tem valor uma ideia. Se o outro sabe que tem esse valor, esta percepção é fonte de segurança na relação: sabe que o homem está lá, apesar das variações das emoções, e que não vai abandonar o campo.

Dar este tipo de segurança exige uma solidez que não se improvisa, mas que é fruto de um percurso que tem como etapa decisiva precisamente a capacidade de domínio sobre as próprias emoções, que mudam tanto. Para dar segurança aos outros é necessária a capacidade de assumir responsabilidades na primeira pessoa; são necessários realismo, aceitação dos limites, disponibilidade para antepor as necessidades do outro à própria. Ao contrário do que possa parecer, o homem que transmite um sentido de segurança e proteção não é o que se julga ou parece ser mais forte do que os outros, mas o que é dotado de maior realismo, o que está mais consciente das dificuldades e o que tem o valor de reconhecer os seus próprios limites: apenas isto o torna confiável e com força de vontade. Sabe que existem perigos, que se pode enganar, que a pessoa pode cair e voltar a levantar-se. (...)

### Paternidade, plenitude da masculinidade

Há uma generosidade profunda que se exige aos pais, e é uma generosidade heroica. Não é fácil trazê-la à luz do dia, devido à nossa tendência para vincular a palavra *heroísmo* somente a ações que nos parecem grandiosas e extraordinárias. (...)

A autêntica dimensão heroica da figura paterna, e o verdadeiro alcance destas expressões, em vez disso, passa pelo quotidiano: o pai não é mais do que um rapaz que se tornou homem, com todas as suas dificuldades humanas e os seus limites, que aprende pouco a pouco a ampliar o foco da vida para lá de si mesmo. Fá-lo aceitando que a criança – de que agora é papá – lhe roube um pouco da sua mulher; que esse filho não o entenda quando o corrige e procura ensinar-lhe o bem; fá-lo aceitando que esse filho procure o seu próprio caminho; e apoiando essa criança para que venha a ser melhor do que ele. O papá torna-se pai quando deixa ao filho a juventude, porque aceita envelhecer; deixa ao filho o trabalho, porque se reforma; deixa ao filho que venha a gerar, porque ele aceita morrer. Um pai deixa ao filho a sua empresa e permite-lhe inovar a seu modo; um pai que deixa que o filho se converta num grande enfermeiro quando ele é notário; um

pai que escuta o que o filho lhe possa ensinar: estes são os homens realmente generosos.

Por isto, a paternidade é a verdadeira plenitude da masculinidade. Não se improvisa: exige tempo, paciência, adaptações, erros.

Por isto, a paternidade exige sempre respeito e reconhecimento, sejam quais forem as características, humanas e imperfeitas, do homem que se esforça por ser pai. (...)

### Uma aliada que faz crescer

A verdadeira doença do nosso tempo é o narcisismo, e o homem é a sua grande vítima, pois é totalmente contrário ao poder vital e gerador. O homem que se recolhe em si mesmo (...) perde o sentido da sua própria missão e torna-se frágil. O custo é muito elevado: no homem, a implosão da energia vital acarreta sempre um sentimento forte de angústia. (...)

As mulheres desejam e valorizam os homens generosos: coração grande, magnanimidade. Dotes muito belos no homem. Marcam a diferença e manifestam-se nas pequenas coisas.

A masculinidade, além disso, sabe ter um olhar utópico que encanta a mulher. É um olhar que semeia gérmenes de novidade, que projeta o futuro com grandeza, embora às vezes lhe possa faltar esse sentido do concreto e essa atenção oportuna pelo humano que são o valor acrescentado da feminidade, e que ajudam a transformar uma utopia num projeto.

Para germinar, para criar raízes na realidade, para se poder tornar funcional à pessoa, o que o homem semeia, reclama o encontro com um terreno idóneo que o recolha, sob pena de se converter num fim em si mesmo e transformar-se em puro desperdício. Para isto suceder, é indispensável um aliado feminino: uma mulher, uma sociedade, uma cultura, capazes de entender, acolher e fazer crescer o que doa a masculinidade.

